

Domingo II do Tempo Pascal - Ano C – 27 abril 2025

Domingo da Divina Misericórdia



Viver a Palavra

O Evangelho deste Domingo situa-se: «*na tarde daquele dia, o primeiro da semana*». Os discípulos estavam reunidos com medo dos judeus, mas Jesus coloca-se no meio deles e saúda-os com a Sua Paz, mostra-lhes as marcas da Paixão e concede-lhes o dom do Espírito Santo para que eles sejam sinal de reconciliação e de paz junto daqueles a quem são enviados.

Mas Tomé, aquele a quem chamavam Dídimos, não estava com o grupo neste momento e, tendo regressado, afirma que só acreditará se vir com os seus próprios olhos e tocar com as suas mãos. Por isso, Jesus volta a aparecer aos Seus discípulos e o Evangelho indica que tudo isto aconteceu «*oito dias depois*».

As indicações temporais que o Evangelho nos apresenta não são apenas as anotações jornalísticas para situar a ação descrita. Nestas indicações temporais encontramos o ritmo da vida da Igreja: «*o primeiro da semana*» e «*oito dias depois*». Este é o ritmo da assembleia cristã que hebdomadariamente, isto é, semanalmente, se reúne. Domingo após Domingo, congrega-se para celebrar a sua fé e proclamar a certeza de que o Ressuscitado acompanha a Sua Igreja, oferecendo-lhe a Sua Paz e concedendo-lhe o dom do Espírito.

Por isso, cada Domingo é o Dia do Senhor, dia de festa e de alegria, onde a comunidade cristã reunida à volta da mesa do altar, escutando a Palavra do Senhor e partilhando o Seu pão, renova a certeza desse amor maior que se faz entrega total e plena na Cruz. Ninguém está dispensado desta reunião festiva dos filhos de Deus. A aventura da fé não é uma aventura isolada à qual nos propomos sozinhos. Como Tomé, quando nos afastamos da comunidade, o desafio de acreditar torna-se mais difícil e exigente. Aquele que se afasta da comunidade afasta-se da experiência comunitária de Jesus, do lugar privilegiado onde Deus se revela e manifesta como Rosto da misericórdia do Pai.

O Evangelho apresenta Tomé como Dídimos, isto é, gêmeo. Na verdade, Tomé não está sozinho. Também nós duvidamos, vacilamos e titubeamos, sobretudo quando nos propomos a caminhar sozinhos, quando nos afastamos da comunidade ou quando ferimos a comunhão e unidade pelas divisões e discórdias que nos afastam dos outros e que afastam os outros. O melhor testemunho que a Igreja pode oferecer ao mundo é a sua comunhão e unidade, com comunidades acolhedoras, geradoras de relações fraternas, para que guiadas e iluminadas pelo Espírito Santo se tornem lugares da Paz que só o Ressuscitado e o Seu infinito amor podem oferecer e garantir. «*Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós*». O Ressuscitado identifica-se diante dos discípulos mostrando-lhes «*as mãos e o lado*». As marcas da paixão identificam Jesus e revelam que o Ressuscitado é Aquele que oferece a Sua vida por nós. Mas também hoje, Jesus continua a revelar as marcas da Sua paixão e do Seu sofrimento nas chagas dolorosas dos que se cruzam connosco. Confessar a fé em Jesus Cristo Ressuscitado é viver atento ao sofrimento dos irmãos e procurar responder com gestos concretos de proximidade e misericórdia.

Somos discípulos missionários. Somos enviados ao jeito de Jesus, para que as nossas vidas se tornem feliz anúncio da misericórdia de Deus. Não basta sermos crentes, precisamos ser credíveis, proclamando com a vida aquilo que os nossos lábios professam. *in Voz Portucalense*

+++++

No ano 2000, o Papa S. João Paulo II canonizou Santa Faustina e declarou que daquele Domingo em diante, o segundo Domingo da Páscoa seria também designado como Domingo da Misericórdia. Além disso, S. João Paulo II «estabeleceu que o citado Domingo seja enriquecido com a Indulgência Plenária, para que os fiéis possam receber mais amplamente o dom do conforto do Espírito Santo e desta forma alimentar uma caridade crescente para com Deus e o próximo e, obtendo eles mesmos o perdão de Deus, sejam por sua vez induzidos a perdoar imediatamente aos irmãos» (Decreto da Penitenciaria Apostólica, 2002). Deste modo, este Domingo

constitui-se como uma oportunidade para recordar a Divina Misericórdia quer na celebração da Eucaristia, quer por meio de outros momentos de oração que ajudem os fiéis a meditar e refletir em Jesus, Rosto da Misericórdia do Pai. *in Voz Portucalense*

+++++

A **caminho do Pentecostes**, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 - , acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Atos 5,12-16

Pelas mãos dos Apóstolos

realizavam-se muitos milagres e prodígios entre o povo.

Unidos pelos mesmos sentimentos,

reuniam-se todos no Pórtico de Salomão;

nenhum dos outros se atrevia a juntar-se a eles,

mas o povo enaltecia-os.

Cada vez mais gente aderira ao Senhor pela fé,

uma multidão de homens e mulheres,

de tal maneira que traziam os doentes para as ruas

e colocavam-nos em enxergas e em catres,

para que, à passagem de Pedro,

ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles.

Das cidades vizinhas de Jerusalém,

a multidão também acorria,

trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros

e todos eram curados.

CONTEXTO

O livro dos Atos dos Apóstolos, logo depois da introdução inicial (cf. At 1,1-11), oferece-nos um conjunto de histórias sobre a comunidade cristã de Jerusalém (cf. At 1,12-6,7). Mas o objetivo primordial de Lucas, o autor dos Atos, não é fornecer-nos um relato real e pormenorizado dos primeiros dias do cristianismo, após a ascensão de Jesus ao céu; o que ele pretende é propor-nos uma catequese sobre a forma como a Igreja de Jesus se deve estruturar e apresentar ao mundo. A comunidade cristã de Jerusalém é, de certo modo, a mãe e o modelo de todas as Igrejas. Lucas, ao falar dela, vai idealizá-la e “embelezá-la”, a fim de que ela funcione como exemplo para todas as Igrejas que depois irão surgir.

Nesses capítulos dedicados à apresentação da Igreja de Jerusalém Lucas insere, a certa altura, três breves sumários que põem em relevo dimensões particularmente importantes da vida eclesial. No primeiro desses sumários sublinha-se especialmente a unidade, a fidelidade à oração e ao ensino dos apóstolos, o espírito fraterno e o testemunho que a comunidade dava aos habitantes de Jerusalém (cf. At 2,42-47); no segundo, a ênfase é posta na partilha dos bens e na solidariedade dos membros da comunidade (cf. At 4,32-35); no terceiro (que é precisamente o que a liturgia deste domingo nos propõe como primeira leitura), realça-se a atividade curadora dos apóstolos, que despertava o interesse da cidade e atraía novos membros à comunidade (cf. At 5,12-16).

Para entendermos todo o alcance da reflexão de Lucas precisamos de ter em conta a situação das comunidades cristãs no final da década de 80 do primeiro século. O entusiasmo inicial dos cristãos estava um tanto diluído: Jesus ainda não tinha vindo para instaurar definitivamente o “Reino de Deus” e, em contrapartida, posicionavam-se no horizonte próximo as primeiras grandes perseguições. Muitos dos crentes tinham-se instalado numa fé “morna” e inconsequente. Havia desleixo, falta de entusiasmo, acomodação, divisão, conflitos e confusão (até porque começavam a aparecer falsos mestres, com doutrinas estranhas e pouco cristãs). Neste contexto, Lucas recorda o essencial da experiência cristã e traça o quadro daquilo que a comunidade deve ser e testemunhar. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Em quase todos os relatos pós-pascuais reafirma-se a ideia de que os discípulos de Jesus são, depois da morte/glorificação de Jesus, as testemunhas da sua ressurreição e do seu projeto no meio dos homens. Ora, esta tarefa não dizia apenas respeito à Igreja de Jerusalém. É uma tarefa que deve ser abraçada pelos discípulos de Jesus de todas as épocas, inclusive por nós. Somos hoje, em pleno séc. XXI, neste tempo difícil que nos calhou viver, as testemunhas de Jesus ressuscitado e da sua proposta salvadora. Num mundo ferido a cada passo por mecanismos de morte – a guerra, a injustiça, a mentira, a prepotência dos poderosos, a indiferença pela sorte dos mais frágeis, a marginalização dos “diferentes”, a destruição do planeta, o uso abusivo por alguns dos recursos que pertencem a todos – somos obrigados a dar testemunho de Jesus e da sua proposta do Reino de Deus. Nós, Igreja de Jesus, anunciamos ao mundo e testemunhamos com a forma como vivemos, tudo aquilo que Jesus nos ensinou com as suas palavras, com os seus gestos, com a sua vida? O que nos falta para sermos – como a comunidade primitiva – uma comunidade que testemunha Jesus ressuscitado?
- Falando dos membros da comunidade cristã de Jerusalém, Lucas afirma que eles “reuniam-se todos, unidos pelos mesmos sentimentos”. A fé não é uma questão puramente individual, que cada um vive por si sem enquadramento comunitário; mas é uma realidade que se recebe, que se desenvolve, que se vive e que se celebra no contexto de uma comunidade. A Igreja de Jesus é um corpo – o Corpo de Cristo – formado por muitos membros, e onde cada um desempenha o seu papel no contexto do projeto que Deus confiou à comunidade do Reino de Deus. É no enquadramento e no diálogo comunitário que a nossa visão pessoal da fé, confrontada com visão dos outros, se purifica, se enriquece e se aproxima da verdade; é na partilha comunitária que vamos discernindo o projeto de Deus para o mundo e para a Igreja; é no apoio dos irmãos e irmãs que encontramos a força de caminhar sempre em frente, na fidelidade ao Evangelho de Jesus. O que significa para nós a comunidade cristã? Vivemos a nossa fé bem enquadrada na comunidade eclesial? Reunimo-nos comunitariamente, no “dia do Senhor”, para escutar a Palavra e para partilhar o pão de Jesus? Damos a nossa colaboração na comunidade cristã, a fim de que nela ecoe cada vez mais o testemunho de Jesus? Somos, na comunidade cristã, fatores de união, de comunhão, de unidade?
- Lucas diz também, sobre os cristãos da comunidade de Jerusalém, que “o povo os enaltecia”. A forma como viviam, os valores que os animavam, a forma como se davam uns com os outros, suscitavam aprovação e admiração. Aqueles homens e mulheres, depois de andarem na “escola de Jesus”, viviam de um jeito que interpelava e desafiava os seus concidadãos. Como é que os nossos contemporâneos veem hoje o nosso testemunho? Aquilo que fazemos suscita admiração e interesse à nossa volta? Somos uma luz que se acende na noite do mundo e que aponta no sentido de um mundo mais justo, mais fraterno, mais verdadeiro?
- Lucas sublinha especialmente os “milagres” e “prodígios” que os apóstolos de Jesus faziam entre o povo. Os milagres não são, necessariamente, acontecimentos espantosos que subvertem as leis da natureza; mas são sinais – por vezes simples e banais – que mostram a presença libertadora e salvadora de Deus e que anunciam essa vida plena que Deus quer dar a todos os seus filhos. Naqueles gestos de bondade, de partilha, de serviço, de misericórdia, de cuidado para com os doentes, que os seguidores de Jesus faziam, os outros habitantes de Jerusalém viam acontecer a intervenção salvadora de Deus. Hoje, como ontem, os discípulos de Jesus têm como missão fazer “milagres”, quer dizer, fazer acontecer a salvação de Deus no mundo. Temos consciência disto e procuramos, com gestos concretos, anunciar que Jesus ressuscitou e continua a querer salvar os homens? Os nossos gestos são “sinais” de Deus e tornam palpável no mundo a salvação de Deus?
in Dehonianos.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 117 (118)

Refrão 1:

**Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua misericórdia.**

Refrão 2:

**Aclamai o Senhor, porque Ele é bom:
o seu amor é para sempre.**

Refrão 3:

Aleluia.

**Diga a casa de Israel:
é eterna a sua misericórdia.**

**Diga a casa de Aarão:
é eterna a sua misericórdia.
Digam os que temem o Senhor:
é eterna a sua misericórdia.
A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se pedra angular.
Tudo isto veio do Senhor:
é admirável aos nossos olhos.
Este é o dia que o Senhor fez:
exultemos e cantemos de alegria.
Senhor, salvai os vossos servos,
Senhor, dai-nos a vitória.
Bendito o que vem em nome do Senhor,
da casa do Senhor nós vos bendizemos.
O Senhor é Deus
e fez brilhar sobre nós a sua luz.**

LEITURA II – Apocalipse 1,9-11a.12-13.17-19

**Eu, João,
vosso irmão e companheiro
nas tribulações, na realeza e na perseverança em Jesus,
estava na ilha de Patmos,
por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.
No dia do Senhor fui movido pelo Espírito
e ouvi atrás de mim uma voz forte,
semelhante à da trombeta, que dizia:
«Escreve num livro o que vês
e envia-o às sete Igrejas».
Voltei-me para ver de quem era a voz que me falava;
ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro e,
no meio dos candelabros, alguém semelhante a um filho do homem,
vestido com uma longa túnica e cingido no peito com um cinto de ouro.
Quando o vi, caí a seus pés como morto.
Mas ele poisou a mão direita sobre mim e disse-me:
«Não temas.
Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive.
Estive morto, mas eis-Me vivo pelos séculos dos séculos
e tenho as chaves da morte e da morada dos mortos.
Escreve, pois, as coisas que viste,
tanto as presentes como as que hão de acontecer depois destas».**

CONTEXTO

“Apocalipse” é uma palavra de origem grega que significa “manifestação de algo que está oculto”. O nosso “Livro do Apocalipse” – do qual é retirado o trecho da segunda leitura deste domingo – é um livro que se apresenta como uma “revelação” sobre “as coisas que brevemente devem acontecer” (Ap 1,1) e que um tal João, exilado na ilha de Patmos (uma pequena ilha do Mar Egeu) por causa da sua fé, tem por missão comunicar aos seus irmãos na fé. Essa “revelação” é endereçada a “sete igrejas” da província romana da Ásia (atual Turquia), às quais o autor se sentia especialmente ligado e cuja problemática conhecia bem.

Estamos na parte final do reinado do imperador Domiciano (à volta do ano 95). As comunidades cristãs da Ásia Menor vivem numa grave crise interna, resultante das heresias (como a dos nicolaítas, referida em Ap 2,6.15), da falta de entusiasmo, da tibieza, da indiferença, da acomodação. Por outro lado, a perseguição contra os cristãos, ordenada pelo imperador, tinha criado um clima de insegurança e de medo: muitos seguidores de Jesus eram condenados e assassinados e outros, temendo pelas suas vidas, abandonavam o Evangelho e passavam para o lado do império. Na comunidade dizia-se: “Jesus é o Senhor”; mas lá fora, quem mandava mesmo, como senhor todo-poderoso, era o imperador de Roma.

É neste contexto de crise, de perseguição, de medo e de martírio que vai ser escrito o Apocalipse. O objetivo do autor é levar os crentes a revitalizarem o seu compromisso com Jesus e a não perderem a esperança. Nesse sentido, o autor do livro começa por fazer um convite à conversão (cf. Ap 1-3), convidando as “sete igrejas” a corrigirem as suas opções erradas e a revitalizarem a sua fé; passa, depois, a apresentar uma leitura profética da história humana, que promete a vitória final de Deus e dos seus fiéis sobre as forças do mal (cf. Ap 4-22).

Estes conteúdos são apresentados com o recurso sistemático a símbolos e imagens (como é típico da literatura apocalíptica), o que torna este livro estranho e difícil, mas, ao mesmo tempo, muito belo e interpelante.

O texto da segunda leitura de hoje pertence à primeira parte do livro (cf. Ap 1-3). Recorrendo à linguagem simbólica – pois é através dos símbolos que melhor se expressa a realidade do mistério – João apresenta-nos o Senhor da história, Aquele através de quem Deus revela aos homens o seu projeto. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Os cristãos do final do primeiro século, perseguidos pelo império, tiveram de fazer escolhas decisivas. De um lado estava Domiciano, o seu domínio tirânico sobre Roma e sobre o mundo, os seus guardas pretorianos, os seus tribunais manipulados, os seus éditos e leis; do outro estava Jesus, a cruz, a perseguição, o martírio, o aparente fracasso. Era necessário escolher; e essa escolha não era inócua: decidia, por vezes, entre viver ou morrer. Muitos escolheram Jesus. Também nós temos, a cada passo, de fazer escolhas decisivas. Talvez nem sempre sejam tão dramáticas como aquelas que os cristãos do tempo de Domiciano tiveram de fazer; mas não deixam de ser escolhas que decidem o sentido da nossa vida. Hoje, como ontem, Jesus continua num dos pratos da balança. Que lugar ocupa Ele nas nossas escolhas? Quando se trata de escolher as nossas prioridades, os valores que abraçamos e que dão conteúdo à nossa vida, quem escutamos? A quem prestamos culto: aos *influencers* de serviço, aos valores da moda, aos interesses instalados, aos poderes do mundo, ou a Cristo?
- Há um elemento que, frequentemente, nos impede de fazer as opções mais corretas: o medo. Cedemos ao opressor e ao injusto porque temos medo de ser maltratados, de sofrer ou de morrer; aceitamos os valores que nos são impostos porque temos medo de ser ridicularizados ou condenados; remetemo-nos ao silêncio e deixamos que o mundo se construa de uma forma que não aprovamos porque temos medo de enfrentar aqueles que se julgam donos do mundo... O medo paralisa-nos, impede-nos de ter voz ativa na construção da história, impede-nos de viver de forma acertada e construtiva, limita os nossos horizontes, faz-nos desistir dos nossos sonhos mais belos... Temos consciência de que nada temos a temer porque Cristo, o Senhor da história, o primeiro e o último, aquele que esteve morto mas venceu a morte, caminha connosco?
- João, o profeta de Patmos, assumiu a missão de ser, no meio dos seus irmãos assustados e desalentados, uma testemunha da esperança. Convicto de que nenhum poder humano – nem sequer o todo-poderoso imperador de Roma – poderia derrotar o “filho do homem”, João tornou-se o arauto da vitória de Deus. Neste pobre mundo vacilante e imperfeito onde cumprimos a nossa existência, precisamos de profetas que ensinem os homens a olhar para lá do horizonte imediato que os nossos olhos enxergam, para esse além onde já está a desenhar-se um mundo novo. Aceitamos ser, neste mundo onde tantas vezes se escreve a história com cores sombrias, profetas da esperança, testemunhas do Ressuscitado, arautos da vida nova que Deus quer oferecer aos seus filhos? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 20,19-31

**Na tarde daquele dia, o primeiro da semana,
estando fechadas as portas da casa
onde os discípulos se encontravam,
com medo dos judeus,**

veio Jesus, colocou-Se no meio deles e disse-lhes:

«A paz esteja convosco».

Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado.

Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor.

Jesus disse-lhes de novo:

«A paz esteja convosco.

Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós».

Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes:

«Recebei o Espírito Santo:

**àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados;
e àqueles a quem os retiverdes serão retidos».**

Tomé, um dos Doze, chamado Dídimos,

não estava com eles quando veio Jesus.

Disseram-lhe os outros discípulos:

«Vimos o Senhor».

Mas ele respondeu-lhes:

«Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos,

se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei».

Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles.

Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse:

«A paz esteja convosco».

Depois disse a Tomé:

«Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente».

Tomé respondeu-Lhe:

«Meu Senhor e meu Deus!»

Disse-lhe Jesus:

«Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto».

Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro.

Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome.

CONTEXTO

Jesus foi crucificado na manhã de uma sexta-feira – dia da “preparação” da Páscoa – e morreu pelas três horas da tarde desse dia. Já depois de morto, um soldado trespassou-lhe o coração com uma lança; e do coração aberto de Jesus saiu sangue e água (cf. Jo 19,31-37). O evangelista João vê no sangue que sai do lado aberto de Jesus o sinal do seu amor dado até ao extremo (cf. Jo 13,1): do amor do pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10,11), do amor do amigo que dá a vida pelos seus amigos (cf. Jo 15,13); e vê na água que sai do coração trespassado de Jesus o sinal do Espírito (cf. Jo 3,5), desse Espírito que Jesus “entregou” aos seus e que é fonte de Vida nova. Da água e do sangue, do batismo e da eucaristia, nascerá a nova comunidade, a comunidade da Nova Aliança. Contudo, os discípulos que tinham subido com Jesus a Jerusalém e que seriam o embrião dessa comunidade da Nova Aliança, desapareceram sem deixar rasto. Estão escondidos, algures na cidade de Jerusalém, paralisados pelo medo. O projeto de Jesus falhou?

No final da tarde dessa sexta-feira, o corpo morto de Jesus foi sepultado à pressa num túmulo novo, situado num horto ao lado do lugar onde se tinha dado a crucificação (cf. Jo 19,38-42). Depois veio o sábado, o último dia da semana, o dia da celebração da Páscoa judaica. Durante todo aquele sábado o túmulo de Jesus continuou cerrado.

A partir daqui a narração de João muda de tempo e de registo. Chegamos ao “primeiro dia da semana”. É o primeiro dia de um tempo novo, o tempo da humanidade nova, nascida da ação criadora e vivificadora de Jesus. “No primeiro dia da semana”, Maria Madalena, a mulher que representa a nova comunidade, vai ao túmulo e vem de lá confusa e desorientada porque o túmulo está vazio (cf. Jo 20,1-2). Logo depois, ainda “no primeiro dia da semana”, Pedro e outro discípulo correm ao túmulo e constataam aquilo que Maria Madalena tinha afirmado: Jesus já não está encerrado no domínio da morte (cf. Jo 20,3-10). A comunidade de Jesus começa a despertar do seu letargo; começa a viver um tempo novo. “Ao entardecer do primeiro dia da semana” (“ou seja, ao concluir-se este primeiro dia da nova criação) a comunidade dos discípulos faz a experiência do encontro com Jesus, vivo e ressuscitado (cf. Jo 20,19-29). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Nos relatos pascais aparece sempre, em pano de fundo, a convicção profunda de que a comunidade dos discípulos nunca estará sozinha, abandonada à sua sorte: Jesus ressuscitado, Aquele que venceu a morte, a injustiça, o egoísmo, o pecado, acompanhará-la-á em cada passo do seu caminho histórico. É verdade que os discípulos de Jesus não vivem num mundo à parte, onde a fragilidade e a debilidade dos humanos não os tocam. Como os outros homens e mulheres, eles experimentam o sofrimento, o desalento, a frustração, o desânimo; têm medo quando o mundo escolhe caminhos de guerra e de violência; sofrem quando são atingidos pela injustiça, pela opressão, pelo ódio do mundo; conhecem a perseguição, a incompreensão e a morte... Mas, apesar de tudo isso, não se deixam vencer pelo pessimismo e pelo desespero pois sabem que Jesus vai “no meio deles”, oferecendo-lhes a sua paz e apontando-lhes o horizonte da Vida definitiva. É com esta certeza que caminhamos e que enfrentamos as tempestades da vida? Os outros homens e mulheres que

partilham o caminho conosco descobrem Jesus, vivo e ressuscitado, através do testemunho de esperança que damos?

- O Espírito Santo é o grande dom que Jesus ressuscitado faz à comunidade dos discípulos. É Ele que nos transforma, que nos anima, que faz de nós pessoas novas, que nos capacita para sermos testemunhas e sinais da Vida de Deus; é Ele que nos dá a coragem e a generosidade para continuarmos no mundo a obra de Jesus. No entanto, o Espírito só atua em nós se estivermos disponíveis para o acolher. Ele não se impõe nem desrespeita a nossa liberdade. Estamos disponíveis para acolher o Espírito? O nosso coração está aberto aos desafios que o Espírito constantemente nos lança?
- A comunidade cristã gira em torno de Jesus, é construída à volta de Jesus e é de Jesus que recebe Vida, amor e paz. Sem Jesus, seremos um rebanho de gente assustada, incapaz de enfrentar o mundo e de ter uma atitude construtiva e transformadora; sem Jesus, seremos um grupo de gente que se apoia em leis, que vive de ritos, que defende doutrinas e não a comunidade que vive e testemunha o amor de Deus; sem Jesus, estaremos divididos, mergulhados em conflitos estéreis, e não seremos uma comunidade de irmãos e de irmãs; sem Jesus, cairemos facilmente em caminhos errados e iremos beber a fontes que não matam a nossa sede de Vida... Na nossa comunidade, Cristo é verdadeiramente o centro? É para Ele que tudo tende e é d'Ele que tudo parte? Escutamos as suas palavras, alimentamo-nos d'Ele, vivemos d'Ele, estamos ligados a Ele como os ramos estão ligados à videira?
- Não é em experiências pessoais, íntimas, fechadas, egoístas, que encontramos Jesus ressuscitado; mas encontramos-l'O sempre que nos reunimos em seu nome, em comunidade. É no diálogo comunitário, na Palavra partilhada, no pão repartido, no amor que une os irmãos em comunidade de vida, que fazemos a experiência da presença de Jesus vivo no meio de nós. O que é que a comunidade cristã significa para nós? Sentimo-nos bem a caminhar em comunidade, ou a nossa experiência de fé é uma experiência isolada, à margem da riqueza e dos desafios que a comunidade me oferece? E, neste âmbito, o que é que significa, para nós, a participação na celebração da Eucaristia, no "primeiro dia da semana", o dia do encontro comunitário à volta da mesa de Jesus?
- É nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de encontro, de fraternidade, que encontramos Jesus vivo, a transformar e a renovar o mundo; é com gestos de bondade, de misericórdia, de compaixão, de perdão que testemunhamos diante do mundo a Vida nova do Ressuscitado. Quem procura Cristo ressuscitado, encontra-O em nós? O amor de Jesus – amor total, universal e sem medida – transparece nos nossos gestos e na nossa vida? *in Dehonianos.*

Para os leitores:

A **primeira leitura** do livro dos Atos dos Apóstolos descreve o modo como crescia e se desenvolvia a Igreja Primitiva. Deste modo, a proclamação desta leitura deve ser marcada por um tom narrativo e descritivo.

A **segunda leitura** possui frases longas com diversas orações que requerem uma boa preparação nas pausas e respirações. Deve haver uma especial atenção ao discurso direto, sobretudo a parte final do texto onde essa figura «*semelhante a um filho do homem*» se apresenta como «*Primeiro e o Último, o que vive*».

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)

Domingo da Divina Misericórdia 2000 – Papa João Paulo II

O dia mais feliz na vida de São João Paulo II

In Vatican Média

Há muitos dias na vida de São João Paulo II que poderiam ser considerados como uma opção óbvia: *o fim da Segunda Guerra Mundial, a sua ordenação sacerdotal ou quando foi nomeado bispo, cardeal ou papa.*

Entretanto, segundo explicou o próprio São João Paulo II, o dia mais feliz da sua vida foi quando ele canonizou uma religiosa da Polónia, sua terra natal: santa Faustina Kowalska.

São João Paulo II (naquela época Karol Wojtyła) tinha aproximadamente 18 anos quando a religiosa morreu (em 5 de outubro de 1938). Karol Wojtyła não conheceu a vida da irmã Faustina nem a mensagem da Divina Misericórdia até entrar no seminário, de forma clandestina, durante a Segunda Guerra Mundial; e quando as conheceu (a vida e a mensagem), isso teve um impacto profundo na sua vida.

Devido a uma tradução errada para o italiano do Diário da Divina Misericórdia e de outras questões que não foram bem resolvidas, o Vaticano proibiu a divulgação da devoção na década de 1950. Mas começou a ser divulgada seis meses antes de o cardeal Karol Wojtyła ser eleito sucessor de Pedro.

Depois de ser eleito papa, João Paulo II dedicou a sua segunda encíclica *Dives in Misericordia* (Rico em Misericórdia) à Divina Misericórdia.

No livro ***Testemunho de Esperança: a biografia do Papa João Paulo II***, o autor norte-americano George Weigel escreveu que João Paulo II falou pessoalmente sobre o impacto da Irmã Faustina na sua vida e no seu ministério:

“Quando era arcebispo da Cracóvia, Wojtyła defendeu a irmã Faustina quando a sua ortodoxia foi questionada já depois da sua morte em Roma, devido em grande parte, à tradução errada do seu diário para a língua italiana, e promoveu a causa da sua beatificação. João Paulo II, que disse que se sentia espiritualmente ‘muito próximo’ da irmã Faustina, estava ‘a pensar nela fazia já muito tempo’ quando começou a escrever *Dives in Misericordia*”.

Em muitas ocasiões durante o seu pontificado, João Paulo II escreveu ou falou sobre a importância de pedir a Deus a sua Divina Misericórdia para o mundo inteiro. Em 19 de abril de 1993, o pontífice beatificou a irmã Faustina e, na sua homilia, elogiou o modo através do qual levou as pessoas ao coração misericordioso de Cristo.

“Realmente é maravilhoso ver como a sua devoção a Jesus misericordioso se está a espalhar pelo mundo contemporâneo e está a ganhar tantos corações humanos! Sem dúvida, é um sinal dos tempos – um sinal do século XX. O balanço deste século, que agora está a terminar, acrescentando os avanços que muitas vezes superaram os anteriores, apresenta uma profunda inquietude e medo do futuro. Onde poderá o mundo encontrar refúgio e uma luz de esperança se não fosse a Divina Misericórdia? Os crentes entendem isso perfeitamente”, expressou.